



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ARROBA DE OURO

Documentário sobre a dinâmica do preço da carne bovina
no Mato Grosso do Sul

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA VIEIRA

Campo Grande
NOVEMBRO /2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ARROBA DE OURO

Documentário sobre a dinâmica do preço da carne bovina no
Mato Grosso do Sul

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA VIEIRA

Relatório apresentado como requisito parcial
para aprovação na disciplina Projeto
Experimental II do Curso de Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dra. Taís Marina Tellaroli Fenelon

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MS"

Título do Trabalho: "Arroba de ouro - a dinâmica do preço da carne bovina no

Acadêmico: Pedro Henrique de Oliveira Vieira

Orientadora: Taís Marina Tellaroli Fenelon

Data: 19/11/2025

Banca examinadora:

1. Laura Seligman
2. Thiago Rezende

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca orienta a produção de uma vinheta no começo do documentário para exibição na TV Universitária e em outros canais.

Campo Grande, 19 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Taís Marina Tellaroli Fenelon, Professora do Magistério Superior**, em 19/11/2025, às 15:00, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 19/11/2025, às 16:19, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6008403** e o código CRC **D44B7E7B**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6008403



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter conseguido entrar em uma faculdade pública, fazer o curso que sempre foi minha primeira opção e me formar nele com 21 anos. Foi um percurso difícil, mas com fé e persistência hoje eu entrego este trabalho que me leva ao último passo da graduação.

Agradeço a minha família. Meus pais, Vânia e Eder, por me educarem e por terem me dado apoio para que eu pudesse realizar esse sonho. Se hoje estou aqui é porque vocês foram ótimos pais. O diploma não é só por mim. É por vocês. Obrigado por não me deixarem desistir dele. Aos meus irmãos Isabel e Paulo. Quero ver vocês aqui em breve. E aos meus avós, Maria Aparecida e Waldomiro Braga, que não tiveram a oportunidade de estudar. Mais representativo do que estar aqui, é estar aqui com eles. Quero dar muito mais orgulho a vocês.

Agradeço ao meu cunhado Cleison, que se dispôs a emprestar seu computador, para eu editar meu documentário. Sem a ajuda dele eu não conseguiria entregar meu tcc.

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Taís Fenelon, que tem um lugar especial na minha jornada acadêmica e a quem sempre irei lembrar com muito carinho. Obrigado por ter aceitado me orientar e por ter me dado suporte quando eu precisei. Obrigado pelas conversas e discussões, por despertar meu interesse pela pesquisa científica e por acreditar no meu potencial profissional seja como jornalista, pesquisador ou designer.

Aos amigos que nesses 4 anos de curso, fizeram os dias tensos serem leves: Gabrielly Pedra, Luana Guimarães, Beatriz Barreto, Juca Nunes, Eliel Dias e Emanuely Lobo. Obrigado por me ouvirem, me apoiarem e acreditarem em mim, muitas vezes mais do que eu mesmo acreditei.

Um obrigado especial para a Luana Guimarães e para a Profa. Dra. Laura Seligman, que não me deixaram trancar o curso no momento mais crítico da minha formação, eu nunca esquecerei do apoio de vocês, nem dos conselhos, cafés e



incentivos da Profa. Dra. Laura Seligman. Eu a admiro muito, pelo amor e pela consideração que tem com seus alunos.

Aos entrevistados Isabelli Silveira, Humberto Yule, Marco Antônio Giordano, Victor Hugo Capuci, Cléo Ramos e Diogo Peres, que concordaram em falar sobre o tema, por acreditarem na relevância do jornalismo, por ajudarem na minha formação profissional e na conscientização da população na luta pelos seus direitos.

Agradeço a todos os meus colegas e professores pelos quatro anos de curso que passamos juntos, aprendendo com os erros e descobrindo um novo mundo. A educação transforma vidas e dentro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul eu percebi isso. Desde os eventos científicos em outros estados, o convívio com pessoas de todo o país, a integração entre diferentes cursos e diferentes ideias, tudo isso me fez evoluir como ser humano.

E por fim, ao meu cachorrinho Oliver...filho, se tudo der certo seu pai estará formado.



SUMÁRIO

Resumo	7
Introdução	8
1. Atividades desenvolvidas	11
1.1. Execução	11
1.1.1. Entrevistas	14
1.1.2. Decupagem	17
1.1.3. Edição e Roteiro	17
1.1.4. Relatório	18
1.2. Dificuldades encontradas	18
1.3. Objetivos alcançados	20
2. Suportes teóricos adotados	22
2.1. A pecuária bovina no Brasil e no Mato Grosso do Sul	22
2.2. Fatores que influenciam o preço da carne	24
2.3. O preço e os consumidores	26
2.4. Falta de acesso à informação sobre a dinâmica do preço da carne bovina	28
2.5. Entrevista jornalística e o formato documentário	28
3. Considerações finais	32
4. Referências	35
Apêndice	43



RESUMO:

“Arroba de Ouro” é um documentário que apresenta os aspectos econômicos, informativos e sociais da cadeia da carne bovina em Mato Grosso do Sul. O projeto investiga como a oferta de animais, custos de produção, exportações e poder de compra influenciam o preço pago pelo consumidor no estado. A narrativa reúne entrevistas com pecuaristas, indústria frigorífica, varejo e órgãos de defesa do consumidor, além de dados oficiais, para compreender por que a carne se tornou menos acessível à população de menor renda. A produção busca aproximar o público dos mecanismos de formação de preços, traduzindo termos técnicos e destacando lacunas de informação que afetam a percepção social sobre o encarecimento do produto.

PALAVRAS-CHAVE:

documentário; carne bovina; preços; pecuária; Mato Grosso do Sul; jornalismo audiovisual.



INTRODUÇÃO

O Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina do mundo, sendo responsável por 19,2% da produção global (USDA, 2025), com um rebanho de 238,6 milhões de bovinos (IBGE, 2023) e o maior exportador. O setor de bovinocultura de corte tem apresentado crescimento contínuo desde 2022 (IBGE), com a região Centro-Oeste do país desempenhando um papel crucial nesta produção, representando 38% do abate nacional de bovinos em 2024, o maior percentual comparado às outras regiões.

Segundo a Pesquisa Trimestral de Abates (IBGE), em 2024 o abate de bovinos atingiu 39,27 milhões, 15,2% a mais do que no ano anterior e o maior número de abates registrado no histórico da pesquisa. Mato Grosso do Sul (MS), atualmente com um rebanho de 17,5 milhões de bovinos (IAGRO, 2025), abateu 3,77 milhões de cabeças de gado em 2024 (Semadesc), maior número de abates desde 2014 e 13,8% a mais do que em 2023. O estado é o segundo maior produtor de carne bovina do país (Agro Sustentar, 2025) produzindo 926.644 toneladas de carne e atrás somente do Mato Grosso. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, o MS possui 62.126 propriedades rurais, o que contribui expressivamente para o rebanho nacional.

A pecuária de corte é uma das principais atividades econômicas de MS. Em 2022, o setor agropecuário correspondeu a 22,79% do PIB estadual (Semadesc). Mesmo diante de desafios climáticos como as altas temperaturas, secas prolongadas e chuvas excessivas, a pecuária e a exploração florestal conseguiram estabilizar o setor, enquanto outras produções como o milho e a soja foram afetadas. Além disso, Mato Grosso do Sul registrou um crescimento expressivo nas exportações de carne bovina em 2024, com um aumento de 33,6% no volume exportado em relação a 2023, totalizando 257 mil toneladas e gerando uma receita de US\$ 1,223 bilhão.

O preço da carne bovina é influenciado por diversos fatores, incluindo a oferta de animais para abate, custos de produção e demanda dos mercados interno e externo.



Em 2024 a arroba¹ do boi gordo atingiu R\$320,00 nos frigoríficos de Campo Grande, refletindo um aumento de 40% em relação ao ano anterior, devido à baixa oferta de animais prontos para o abate. Essas variações de preço impactam diretamente o consumidor final e afetam os hábitos alimentares da população.

Segundo Garzillo et al (2022), a carne bovina é um componente essencial da dieta brasileira, representando aproximadamente 9,4% da ingestão calórica diária da população. Isso significa que, embora seja um alimento tradicional e culturalmente importante, ela representa uma fração relativamente modesta quando comparada a outros itens básicos da dieta – como o arroz, o feijão e o café, que, juntos, somam uma parcela muito maior do consumo energético diário.

O preço da carne bovina no Mato Grosso do Sul tem se tornado cada vez menos acessível para a população de baixa renda. Em outubro de 2024, o custo da cesta básica em Campo Grande atingiu R\$751,06, representando um aumento de 5,1% em relação ao mês anterior, sendo este o maior aumento entre as capitais brasileiras naquele período. Esse valor compromete mais de 50% do salário mínimo líquido, impactando diretamente o orçamento das famílias de menor renda.

A carne bovina, em particular, tem sido um dos itens com maior variação de preço. Cortes de primeira podem variar entre R\$27,90 e R\$69,90 por quilo, enquanto cortes de segunda apresentam preços entre R\$19,98 e R\$35,90 (Procon/MS, 2023). O aumento e a volatilidade dos preços dificulta o acesso regular da população de baixa renda a essa fonte de proteína.

A crescente valorização da carne bovina no mercado interno tem provocado questionamentos por parte dos consumidores, especialmente da população de baixa renda, que observa uma redução no poder de compra em relação a esse alimento historicamente presente na mesa dos brasileiros. Entretanto, estudos realizados por Fonseca et al. (2016) e Costa et al. (2021) indicam que grande parte da população desconhece os fatores que determinam o preço dos alimentos — incluindo a carne bovina — o que dificulta a compreensão crítica do cenário econômico atual.

¹ A arroba do boi é uma unidade de medida de peso usada na pecuária, que equivale a 15 quilos. Essa medida é utilizada na comercialização do gado de corte, servindo como base para definir o preço do animal, tanto para o animal vivo quanto para a carcaça após o abate.



Essa falta de conhecimento não é um problema apenas de ordem informacional, mas tem implicações sociais e políticas relevantes. Conforme aponta Costa et al. (2021), consumidores tendem a tomar decisões baseadas principalmente em fatores como sabor e aparência dos produtos, em vez de refletirem sobre os mecanismos de formação de preços ou as políticas públicas de alimentação. Isso demonstra a importância de promover educação alimentar e econômica como ferramenta de empoderamento social.

No Mato Grosso do Sul, onde a pecuária é uma das principais atividades econômicas, entender os mecanismos que afetam o preço da carne bovina é essencial para avaliar os impactos da dinâmica do agronegócio sobre o mercado interno. O estado possui um dos maiores rebanhos bovinos do país e desempenha papel de destaque nas exportações, o que torna ainda mais relevante o debate sobre os efeitos dessas prioridades comerciais nos hábitos alimentares e no acesso à proteína animal por parte da população local.

Diante disso, o documentário “Arroba de Ouro” se propõe a informar a população, oferecendo uma narrativa audiovisual acessível e baseada em dados que explorem os fatores que influenciam o preço da carne bovina no Mato Grosso do Sul. Ao investigar desde as oscilações de mercado até as práticas de exportação, o objetivo não é apenas informar, mas também fomentar uma consciência crítica que permita à população demandar políticas públicas mais justas e reivindicar salários proporcionais aos produtos essenciais para alimentação como a proteína, usando do jornalismo, por meio dos depoimentos coletados com pecuaristas, responsáveis por frigoríficos e dono de açougues para fazer isso.

Antes de me interessar pelo tema, não tinha conhecimento sobre o que influenciava o preço da carne bovina, mas me perguntava porque um corte como o Filé Mignon é tão caro e outros como músculo e agulha, não. Conhecer os motivos que fazem a carne bovina que consumimos ter oscilação de preço é importante para que a população cobre medidas do governo mais eficazes, como políticas de abastecimento interno. Além disso, nos permite ter uma visão econômica mais complexa sobre o que



de fato influencia o aumento do preço dos alimentos, e o que pode ser feito para que esse alimento seja mais acessível.

1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- I. Levantamento de dados sobre o preço dos três cortes que mais encareceram nos últimos 5 anos e o salário mínimo nesses períodos
- II. Entrar em contato com a Associação de Produtores de Novilho Precoce
- III. Selecionar as fontes e produzir roteiro pré roteiro de perguntas
- IV. Agendar as entrevistas
- V. Realizar as entrevistas
- VI. Decupar o material captado
- VII. Escrever *offs* e fazer o roteiro de montagem
- VIII. Reunião com orientadora, análise e ajustes no roteiro
- IX. Edição do documentário
- X. Revisão final com a orientadora
- XI. Últimos Ajustes
- XII. Relatório
- XIII. Envio do documentário e do relatório para a revisão final da orientadora

1.1. Execução:

A primeira etapa da produção do documentário foi o levantamento aprofundado de informações sobre o tema. Como eu não tinha familiaridade com o assunto, busquei compreender os conceitos básicos de negociação entre pecuaristas e frigoríficos, bem como as diferenças entre o mercado externo e o mercado interno. Durante a elaboração do projeto, no primeiro semestre de 2025, foquei no cenário regional e na importância econômica da pecuária para o Mato Grosso do Sul, com o objetivo de dimensionar a relevância do tema. Percebi, entretanto, a necessidade de conhecer com profundidade as dinâmicas de mercado para formular perguntas consistentes às pessoas entrevistadas.



O recorte proposto no projeto analisou os três cortes de carne bovina que mais encareceram entre 2020 e 2024 e que, ainda assim, permaneceram na alimentação dos brasileiros. O levantamento apontou acém, patinho e lagarto como destaques. No mesmo período, verifiquei a evolução do salário mínimo nacional, que apresentou reajustes nominais, porém com perda de poder de compra. Em 2020, o salário mínimo foi de R\$ 1.045,00; em 2021, R\$ 1.100,00; em 2022, R\$ 1.212,00; em 2023, iniciou em R\$ 1.302,00 e foi reajustado para R\$ 1.320,00 em maio; em 2024, foi fixado em R\$ 1.412,00 (Diário Oficial da União). Esses dados orientaram a construção do roteiro.

Com o perfil de fontes definido no projeto, iniciei a elaboração das perguntas em 28 de julho de 2025. A intenção era entrevistar nove fontes: três pecuaristas, um representante da indústria frigorífica, um proprietário de açougue, um economista especializado em cotação da arroba do boi gordo, um consumidor, um médico-veterinário ou zootecnista com atuação em abate e um representante do Procon-MS.

Diferentemente do cronograma original, os contatos começaram em agosto. No dia 12 de agosto de 2025, fui à Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores de Novilho Precoce (ASPNP), apresentei o projeto e solicitei indicações. Recebi como sugestões os produtores Rafael Gratão, Rafael Lima e Isabelli Silveira, associados à instituição, além de contatos de frigoríficos parceiros, como Naturafrig e JBS.

No dia seguinte, ao pesquisar sobre as fontes indicadas, identifiquei que as propriedades ficavam em municípios do interior, o que inviabilizava as gravações nesses locais por falta de transporte. Recontatei a ASPNP e solicitei fontes com propriedades em Campo Grande ou proximidades. Foi indicado o pecuarista Humberto Yule.

No dia 17 de agosto de 2025, procurei o PROCON/MS pelo WhatsApp e fui orientado a formalizar o pedido de entrevista por e-mail. Também contatei Alexandre Scaff (JBS), indicado pela ASPNP, sem retorno naquela data. Diante da demora, consultei minha orientadora, que sugeriu o contato com Marco Antônio Giordano Farias dos Santos, negociador do frigorífico Frizelo. Enviei mensagem no dia seguinte e aguardarei resposta.



No dia 19 de agosto de 2025, o assessor do PROCON/MS, Kléber Clajus, retornou por ligação e informou que o órgão não fiscaliza preços de carne, atuando apenas em denúncias de preço abusivo e, com a vigilância sanitária, na fiscalização de armazenamento e conservação de produtos cárneos, o que fugia ao foco do documentário. Ele indicou contato com o presidente do Sicadems, Régis Luiz Comarella, que forneceu dados relevantes, mas estava viajando e não poderia conceder entrevista gravada. Reforcei o contato com Marco Antônio, ainda sem confirmação.

No dia 20 de agosto de 2025, Alexandre Scaff (JBS) respondeu informando que a entrevista dependeria de autorização da matriz, em São Paulo, para captação de imagens dentro do frigorífico. Devido à burocracia, optei por outras fontes. Contatei Victor Hugo Capuci, representante do Naturafrig em Rochedo, indicado pela ASPNP. Ele aceitou a entrevista no mesmo dia, mas informou que filmar dentro da planta seria mais difícil. Argumentei que o objetivo era informativo, sem imagens chocantes, e solicitei gravações da carcaça já limpa. Fiquei no aguardo. Também voltei a contatar Marco Antônio, que sugeriu agendar para a semana seguinte.

No dia 21 de agosto de 2025, tentei remarcar com Comarella, que aceitou dar entrevista, porém sem data definida, pedindo novo contato em 26 ou 27 de agosto. Capuci confirmou a entrevista para 9 de setembro, na unidade de Rochedo. Solicitei acompanhar um técnico de abate da ASPNP para viabilizar o transporte, e ele concordou. A ASPNP autorizou o acompanhamento no dia 9 de setembro de 2025.

No dia 22, convidei Humberto Yule para entrevista. Ele aceitou, com agenda disponível apenas em 6 de outubro, na sede da ASPNP. Agendamos para essa data.

No dia 25, Marco Antônio marcou entrevista para quarta-feira, 27 de setembro, com confirmação de horário no dia 26. Reforcei contato com Comarella no dia 26, que pediu entrevista online. Perguntei sobre a possibilidade de ser presencial, mas não houve retorno. A entrevista com Marco Antônio precisou ser remarcada por conflito com o horário de abate, realizado de madrugada.



1.1.1. Entrevistas

No dia 9 de setembro, confirmei a entrevista com Victor Hugo Capuci (Naturafrig) às 8h e enviei o roteiro de perguntas. Viajei com uma técnica de abate da ASPNP, que preferiu não ser identificada, e acompanhava um lote de animais de associados. Capuci me recebeu na recepção e conduziu ao curral, onde gravamos uma entrevista de 30 minutos. Surgiram questões adicionais de interesse do público consumidor. Em seguida, com autorização dele e da técnica, realizei imagens dentro da área de abate, utilizando os equipamentos de proteção individual.

Roteiro aplicado ao diretor do Naturafrig:

- Quais critérios definem o valor pago pela arroba?
- Como funcionam as negociações com os pecuaristas?
- Quais exigências para exportar e o que define o valor da venda externa?
- Como é a relação da indústria com os pecuaristas?
- Qual a principal diferença entre vender para o exterior e para o mercado interno?
- Por que o preço do varejo difere do preço ao consumidor? Quais fatores explicam essa diferença?
- Qual o papel do frigorífico na formação do preço final ao consumidor?
- Como a indústria aproveita o animal abatido e quais cadeias utilizam derivados?
- Quais fatores influenciam quedas e altas na arroba e nas negociações com o varejo?

No dia 11 de setembro, contatei Marco Antônio para reagendar. Ele sugeriu que eu registrasse imagens na Frizelo, em Terenos, no dia 12, avisando que não estaria presente por compromisso médico, e que a entrevista poderia ocorrer depois. Pedi carona ao meu pai, Éder Gomes, que estava de folga e pôde me levar.

No dia 12, ao chegar à Frizelo, fui recebido na recepção e conduzido por Pedro Damásio, técnico de abate, aos vestiários para colocação dos EPIs. Durante o percurso pela planta, ele apresentou as etapas do abate enquanto eu realizava as imagens. Tentei entrevistar alguns funcionários, incluindo Damásio, mas, sem microfone de lapela



e devido ao ruído dos maquinários, o áudio ficou inaudível. Ainda assim, consegui material de apoio suficiente. Reagendei a entrevista com Marco Antônio para 29 de setembro, às 14h, em seu escritório em Campo Grande.

No dia 29, confirmei horário e enviei o roteiro. A entrevista durou 47 minutos, com as mesmas perguntas feitas ao Naturafrig. O entrevistado detalhou exportação e negociações com pecuaristas.

A entrevista com o pecuarista Humberto Yule, inicialmente marcada para 6 de outubro, ocorreu no dia 7, na ASPNP. Enviei as perguntas na véspera. No dia, o entrevistado demonstrou nervosismo por estar com outro compromisso em seguida, o que limitou a repetição de tomadas. A entrevista durou 16 minutos.

Perguntas aplicadas:

- Há quanto tempo atua na pecuária? É um negócio familiar?
- Onde fica sua propriedade? Possui mais de uma fazenda?
- Realiza abates em um único frigorífico ou escolhe pela melhor oferta?
- Como descreve a relação entre pecuaristas e frigoríficos hoje?
- O que mais impacta o valor pago pela arroba no seu dia a dia?
- Consegue repassar custos de produção para o preço pago pelos frigoríficos?
- Como funcionam as negociações com o frigorífico?
- Como percebe a atuação governamental em apoio ao setor?
- Qual a maior dificuldade atual para o pecuarista no mercado?
- O foco da produção é o mercado externo? Por quê?
- Por que a carne segue cara no varejo mesmo quando a arroba cai?
- O consumidor entende o que forma o preço da carne?
- Qual o destino da carne que você produz (mercado interno ou externo)?
- A pecuária sul-mato-grossense é o “ouro” do estado?
- Como enxerga o potencial produtivo de MS?
- Quem é o maior beneficiado no mercado do boi?

Das fontes indicadas pela ASPNP, entrevistei ainda Isabelli Silveira (pecuarista e zootecnista) e Cléo Ramos (gestora de escalas), em 10 de outubro. As perguntas



para Isabelli foram as mesmas de Yule. Sua entrevista durou 13 minutos, com respostas seguras e objetivas. A entrevista com Cléo Ramos durou 13 minutos. Com 25 anos de atuação na ASPNP e contato diário com pecuaristas, ela respondeu de forma direta.

Perguntas aplicadas:

- Como funciona a escala de abate terceirizada?
- Os pecuaristas têm profissionais próprios para escalas e negociações ou fazem por conta?
- O que os pecuaristas esperam dos frigoríficos e vice-versa?
- Como ocorrem as negociações com os frigoríficos?
- Como são feitas as pesquisas de mercado para projetar a arroba?
- Quais fatores determinam a variação da arroba?
- Quais estratégias ajudam o pecuarista a receber mais e a evitar prejuízos?

Em 13 de outubro, entrevistei o pecuarista e dono do Açougue Excelência, no bairro Nova Lima, Diogo Peres, que liberou a captação de imagens. A entrevista durou 21 minutos.

Perguntas aplicadas:

- Há quanto tempo atua no setor da carne?
- O consumidor sabe o que influencia o preço da carne?
- O que mais agrega valor: corte, peso, qualidade?
- Como definem o preço de venda e como negociam com fornecedores?
- Há influência de fatores políticos e climáticos nos preços ao consumidor?
- O que faz o preço subir e cair?
- Quais impostos compõem o preço final?
- Como funciona a precificação do negócio?
- Há reclamações de preço? Como responde?
- Quais cortes são mais acessíveis e quais viraram artigos de luxo?
- Como a oscilação da arroba impacta o seu negócio?
- O consumo aumentou ou diminuiu nos últimos anos?



- Mesmo com aumentos, as vendas se mantêm?

1.1.2. Decupagem

No mesmo dia da entrevista com Diogo Peres, iniciei a decupagem. Comecei pelas entrevistas mais longas (Victor Hugo, 30 minutos; Marco Antônio, 47 minutos). Assisti às gravações e anotei minutagem e temas em um caderno, para facilitar a edição e a montagem. Concluí a decupagem de todas as entrevistas em dois dias.

1.1.3. Edição e Roteiro

A edição do documentário foi feita 98% no computador do meu cunhado. Eu iniciei a edição pelo CapCut no meu notebook em outubro, no dia 15, mas pelo tamanho do arquivo, que continha muitos vídeos, o meu notebook não aguentou e começou a apresentar defeito. A minha rotina durante duas semanas foi sair do estágio e ir para a casa do meu cunhado, que morava em um bairro distante de onde eu moro. Devido a distância, eu dormia na casa dele e ia direto para o estágio.

O roteiro foi produzido pensando em encaixar as entrevistas e sanar as questões que não tinham sido respondidas, como a explicação do que se tratava o documentário, o que é a Rota Bioceânica, o que é tripé de qualidade, o que é arroba e o que de fato interfere no preço da carne bovina pago pelo consumidor.

Durante a edição, o roteiro mudou algumas vezes. Inicialmente o documentário começava com um vídeo de carne sendo assada na churrasqueira, que tinha sido gerado por inteligência artificial, e com a seguinte narração: “Essa é a sua perspectiva de uma cadeia que passa por vários setores até chegar em você”. Esse início estava presente no primeiro corte, mas depois de uma reunião com a minha orientadora Taís Marina Tellaroli, decidimos tirar essa parte e dar prioridade para imagens reais, pelo documentário ter cunho jornalístico. Precisei fazer alguns ajustes de som, porque como nem todos os áudios foram captados com o microfone de lapela, alguns ficaram estourados.



Fiz uma animação pelo *Google Earth* ilustrando o percurso da Rota Bioceânica. Eu instalei uma extensão no *Google Chrome* que ocultava o ponteiro do *mouse* e gravei a tela do computador enquanto eu manuseava o site *Google Chrome*.

No segundo corte o documentário estava com 17 minutos, assisti com a minha orientadora e ela solicitou algumas alterações: Identificar as fontes mais vezes durante o documentário, o que antes eu estava identificando apenas na primeira vez que cada fonte aparecia; arrumar o enquadramento de algumas fontes; cortar partes que estavam repetitivas, produzir um off que explicasse sobre a redução do poder de compra da população como fator determinante para a sensação da carne bovina estar mais cara e adicionar nos créditos finais a coordenadora do curso de jornalismo da UFMS e o diretor atual da FAALC. No terceiro corte fiz todos os ajustes e o documentário ficou com 20 minutos.

1.1.4. Relatório

No processo de produção do documentário eu criei um arquivo no Google Docs, onde eu ia anotando os processos que estavam sendo realizados. Eu colocava a data e o que eu tinha feito do documentário. Funcionou como um diário de produção. Foi uma opção para me ajudar no momento de fazer o relatório do documentário.

1.2. Dificuldades Encontradas

Aconteceram vários imprevistos e desafios durante a produção do documentário. No levantamento de dados não consegui achar as informações específicas que eu havia proposto. Não tinham séries históricas contínuas e bases de dados públicos que apresentassem, de forma detalhada, a variação de preços por corte específico ao longo dos últimos cinco anos. Os dados disponíveis, tanto do IBGE quanto de órgãos estaduais e publicações de mercado, tinham recortes anuais ou regionais, o que inviabiliza uma comparação em longo prazo.

Na elaboração do projeto eu tinha planejado usar o meu celular para a captação das entrevistas e das imagens de apoio, um Iphone 12 mini. Porém durante o mês de junho, nas férias de verão, a câmera traseira parou de focar. Uma das soluções



que eu arrumei foi pegar a câmera do curso de jornalismo emprestada, mas como as entrevistas foram acontecendo de maneira imprevisível, com as fontes desmarcando, ficava muito em cima para pedir a câmera e o tripé emprestado. Então tentei pegar uma câmera emprestada da empresa do meu estágio e consegui, mas o problema era que eles não tinham tripé. Conversei com a minha orientadora, explicando a situação, e ela me emprestou um celular pessoal dela, que ela tinha de reserva, para eu fazer as entrevistas.

Além dos equipamentos, outra dificuldade foi conseguir as fontes. As fontes que eu acreditava serem mais difíceis de conseguir, como a indústria frigorífica, foram as que concordaram em gravar mais rapidamente, mas várias cancelaram. Os pecuaristas e os representantes do varejo foram os mais difíceis de conseguir. Teve fontes que sequer responderam e outras que apesar de responderem, depois não davam mais retorno.

A localização das propriedades dos pecuaristas foi um ponto que eu não levei em consideração no meu projeto. Como eu não tenho CNH, eu dependia de outras pessoas para me levar até os entrevistados que estavam em outra cidade. Eu queria ter gravado na fazenda das fontes, mas as fazendas ficavam em cidades distantes de Campo Grande. Ainda assim eu precisei ir até Rochedo, para gravar com o Victor Hugo, mas só fui porque consegui carona com um dos técnicos da ASPNP. Consegui ir a Terenos, porque meu pai estava de folga e me levou. As entrevistas deram certo porque a data que as fontes podiam me receber se encaixaram com a disponibilidade de transporte para eu ir até o local das entrevistas.

No projeto eu também tinha colocado que iria fazer a edição no meu notebook, mas como ele estragou e não suportou editar o documentário pelo tamanho do arquivo, precisei usar o computador do meu cunhado, Cleison Ribeiro. Antes eu havia tentado usar o computador do laboratório de telejornalismo da UFMS, mas ele também não estava funcionando. Por sorte deu certo editar pelo computador do meu cunhado.

Na minha opinião o maior desafio foi o tema do documentário. Eu não tinha familiaridade nenhuma com a pecuária e não tive ajuda de ninguém para a captação das entrevistas. Tive que operar a câmera sozinho e sem um tripé, até a terceira



entrevista, onde eu consegui comprar um de mesa, mas que limitava o enquadramento da fonte no vídeo. É muito difícil conduzir a entrevista e se preocupar com a filmagem ao mesmo tempo.

Eu produzi o documentário enquanto estava estagiando. O que também me limitou um pouco, em conseguir focar mais na produção dele. O tempo de 4 meses para produzir, parece muito, mas passa muito rápido ainda mais quando estamos sujeitos a disponibilidade das fontes.

1.3. Objetivos Alcançados

No projeto desenvolvido foram apresentados objetivos que devem ser retomados, com a respectiva avaliação: foram cumpridos os objetivos iniciais, satisfatoriamente, de forma incompleta (por que?); foram alterados (por que?).

O objetivo principal do projeto foi criar um documentário que mostrasse os fatores que influenciam no preço da carne bovina no Mato Grosso do Sul, considerando os mercados interno e externo. Os objetivos específicos foram analisar os principais fatores que influenciam a formação do preço da carne bovina no estado e sua evolução nos últimos cinco anos; comparar o cenário de Mato Grosso do Sul com o de outros estados; apresentar o contexto da produção de carne bovina em MS, destacando as peculiaridades do mercado voltado para exportação e consumo interno; investigar o comportamento dos consumidores em relação ao mercado da carne bovina.

De maneira geral, o principal objetivo foi cumprido, as entrevistas conseguiram de maneira direta, explicar os fatores que influenciam no preço da carne bovina no Mato Grosso do Sul, de um jeito que até o consumidor mais leigo sobre o tema consiga entender, tanto sobre o mercado externo, quanto sobre o mercado interno.

Com relação aos objetivos específicos, não foi possível fazer uma análise dos últimos cinco anos da evolução dos preços, devido a variedade de cortes e a escassez de informações públicas regionais com o recorte proposto, também não foi possível comparar com outros estados, pelo mesmo motivo. Mas os outros foram cumpridos de maneira satisfatória, trazendo informações que a maioria da população não tem acesso.



2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

2.1. A pecuária bovina no Brasil e no Mato Grosso do Sul

A pecuária bovina é uma das atividades mais tradicionais e economicamente relevantes do agronegócio brasileiro. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2023), o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de carne bovina do mundo, sendo o setor responsável por grande parte da movimentação econômica do país, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Norte.

O estado do Mato Grosso do Sul ocupa posição de destaque nesse cenário. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), o estado possui um dos maiores rebanhos bovinos do país, com 18,8 milhões de cabeças de gado. A atividade está distribuída em diversas regiões, com predominância nas áreas de pastagem extensiva e integração com lavoura, o que favorece a produtividade.

O avanço da pecuária no Mato Grosso do Sul contribui significativamente para o PIB do estado e gera milhares de empregos diretos e indiretos, sendo o setor agropecuário responsável por 22,79% do PIB estadual (SEMADESC, 2022) e o agronegócio – agropecuária, agroindústria processadora e agrosserviços – 25% do PIB nacional (Barros, 2022), empregando 28,2 milhões de pessoas em todo país (CEPEA; CNA, 2024). Entretanto, apesar de sua importância econômica, ainda há uma distância entre o que se produz e o que é compreendido pela população urbana sobre esse setor, especialmente no que diz respeito à formação de preços, aos tipos de cortes e aos impactos ambientais e sociais da atividade, sendo estes alguns dos desafios previstos pela Embrapa em 2021, para os próximos 20 anos.

As transformações do setor nos próximos vinte anos são iminentes. Para manter sua posição de liderança no cenário mundial – e mesmo para ampliá-la – alguns desafios serão enfrentados por toda a cadeia de produção de carne. O mercado consumidor se movimentará em duas direções. A primeira, mais óbvia, será a do crescimento, oriundo de novos mercados, em especial na Ásia. E a segunda, será a sofisticação: cortes diferenciados e produtos de origem denominada irão abrir novas oportunidades de geração de valor ao mercado. O maior grau de exigência do consumidor será um grande gatilho transformador da atividade. A concorrência com outras fontes de proteína também forçará



toda a cadeia a produzir melhor. O bem-estar animal será mandatório, da cria ao abate, por questões econômicas. A inovação digital será uma das duas maiores forças disruptivas para o mercado nas próximas duas décadas e servirá de força catalisadora no processo de transformação da cadeia, injetando gestão e inteligência na atividade. Esta aproximará o elo produtor do consumidor e terá papel central na certificação, rastreabilidade e qualidade do produto carne. A busca por soluções sustentáveis será grande, transformando a indústria de insumos. As soluções biológicas irão ocupar espaço importante no manejo. A biotecnologia impactará desde o manejo na propriedade até a qualidade do produto final que chegará na mesa dos consumidores. Junto com o digital, a biotecnologia será a grande mola propulsora de transformações (EMBRAPA, 2021, p. 42).

Segundo Buainain e Batalha (2007), a evolução da pecuária no Brasil está diretamente ligada às transformações no mercado agroindustrial e à ampliação da demanda internacional por proteína animal. Os autores destacam que a cadeia da carne bovina passou por um processo de modernização e concentração produtiva, com maior uso de tecnologias no manejo, alimentação e rastreabilidade dos animais.

No contexto sul-mato-grossense, essa modernização convive com desafios estruturais, como a dependência de insumos agrícolas (como milho e soja para ração), oscilações climáticas e problemas logísticos que afetam o transporte até os grandes centros consumidores e portos exportadores (Benites; Casagrande, 2022). Além disso, há uma crescente pressão por sustentabilidade e rastreabilidade, exigida tanto pelo mercado interno quanto externo (IPAM, 2022).

Apesar do aumento na produção de carne bovina no estado, que atingiu um recorde de 1,068 milhão de toneladas em 2024 — um crescimento de 12,37% em relação a 2023 —, os preços ao consumidor final não apresentaram uma redução proporcional. Esse fenômeno pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo o aumento das exportações, que cresceram 33,6% no mesmo período, e a valorização da arroba do boi gordo, que registrou um aumento de 42% ao longo do ano (Campos, 2025; Porto, 2024).



2.2. Fatores que influenciam o preço da carne

O preço da carne bovina no Brasil é resultado de uma complexa interação entre variáveis de mercado, como oferta e demanda, condições climáticas que afetam a produção de insumos, dinâmica das exportações, custos de produção e transporte, além das margens adicionadas por intermediários ao longo da cadeia produtiva. De acordo com Resende Filho et al. (2012), a demanda por carne bovina apresenta baixa elasticidade, o que significa que variações na oferta tendem a gerar oscilações expressivas nos preços. Quando a oferta de animais para abate diminui, mesmo que momentaneamente, e a demanda interna se mantém estável, observa-se elevação acentuada dos valores pagos pelo consumidor (Caléman; Zylbersztajn, 2012).

Um dos principais componentes do custo de produção é a alimentação do rebanho, sendo que insumos como milho e soja — base para a ração — podem representar dois terços do custo total, impactando diretamente no valor da arroba do boi gordo (EMBRAPA, 2023). A esse fator soma-se a influência de eventos climáticos, como estiagens prolongadas ou chuvas irregulares, especialmente na região Centro-Oeste, que comprometem a produtividade das lavouras e, conseqüentemente, os custos da pecuária.

O cenário se agrava diante da crescente inserção do Brasil no mercado internacional. Em 2022, as exportações corresponderam a 44,2% da produção nacional de carne bovina, o que reduziu a oferta no mercado interno e pressionou os preços domésticos (ABIEC, 2023). Ao mesmo tempo, a infraestrutura de transporte, predominantemente rodoviária e marcada por baixa eficiência logística, contribui para o aumento dos custos de escoamento, pressionando o valor final da carne bovina e de outras mercadorias (CNT, 2024).

Um estudo feito em 2024, pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA, em parceria com a Stone X, destaca que mesmo durante períodos de maior demanda, como feriados e datas comemorativas, a rigidez da oferta mantém os preços elevados. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA, 2022), o estreitamento das margens de lucro dos produtores em



função da alta nos custos de produção e da substituição por outras proteínas contribui para a volatilidade dos preços da carne bovina.

Carvalho (2007) evidencia a existência de elasticidades-gasto positivas para a carne bovina, indicando que o poder de compra das famílias exerce influência direta sobre o consumo e, conseqüentemente, sobre a formação de preços. No plano externo, variáveis macroeconômicas, como taxa de câmbio e renda dos países importadores também afetam os volumes exportados e a precificação da carne brasileira no mercado internacional (Melz et al., 2014). A estrutura da cadeia produtiva também impacta os preços finais.

A tributação incidente sobre o consumo, que inclui impostos que recaem sobre os alimentos, constitui um dos fatores estruturais de maior relevância na formação do preço final da carne bovina e no seu impacto sobre o orçamento familiar (Siqueira; Nogueira; Luna, 2021). No Brasil, o sistema tributário é amplamente reconhecido por seu caráter regressivo, onde a carga tributária sobre bens e serviços é proporcionalmente maior para as famílias de menor renda, que destinam uma fatia superior de seus ganhos ao consumo alimentar (Silveira, 2022).

A aprovação da Emenda Constitucional nº 132/2023, que instituiu a Reforma Tributária sobre o consumo (PEC 45/2019), representa uma mudança estrutural com implicações diretas para o setor de alimentos. O principal objetivo da reforma é simplificar o sistema e, em termos de impacto social, promover maior progressividade. A reforma prevê a criação de uma Cesta Básica Nacional com alíquota zero para diversos produtos essenciais, visando aliviar o ônus sobre as famílias de baixa renda (AGÊNCIA BRASIL, 2025). Embora a lista final de produtos isentos tenha sido objeto de intenso debate, a carne bovina, em suas diversas formas, foi incluída na lista de alimentos que terão isenção total dos novos tributos, Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), tributo federal, que irá substituir PIS e Cofins, e o IBS (Imposto sobre Bens e Serviços) tributo estadual e municipal, que irá substituir o ICMS e ISS conforme regulamentação aprovada (Câmara dos Deputados, 2024).

Em suma, a carga tributária atua como um vetor de variação do preço da carne bovina e, historicamente, como um elemento de desigualdade no acesso a esse



alimento. A Reforma Tributária, ao zerar a alíquota sobre a carne, busca reverter o caráter regressivo da tributação sobre o consumo, o que deve ser analisado como um elemento central na dinâmica de preços do setor no Mato Grosso do Sul.

2.3. O preço e os consumidores

No que diz respeito ao consumo, o Brasil apresentou uma tendência de queda no consumo per capita de carne bovina, atingindo 24,2 kg em 2023, o menor nível desde 2004. Essa redução é atribuída a mudanças nos hábitos alimentares da população e ao impacto dos preços elevados (Nova notícias, 2024). Os consumidores são o foco da cadeia produtiva de carne bovina, o que motiva vários estudos sobre a sua percepção em relação à preferência de compra e a questões sanitárias. Em sua maioria, eles optam pela compra de carne em locais que possuem o Selo de Inspeção Federal (SIF), mas a baixa escolaridade ainda limita o acesso à informação, o que impulsiona o consumo de carne clandestina e consequentemente a disseminação de doenças causadas por carnes sem inspeção sanitária (Fanalli, 2018).

A rastreabilidade bovina permite a identificação da origem da carne, e é uma exigência do mercado europeu. Os consumidores estão dispostos a pagar mais por essa informação, mas associam o aumento do preço de produtos cárneos a uma desvantagem da rastreabilidade. “Consumidores com maior grau de escolaridade e renda apresentaram melhor conhecimento sobre este tipo de certificação, sendo esses fatores os de grande influência sobre a aceitação dos consumidores em pagar mais caro pela carne bovina rastreada” (Lopes et. al, 2017, p. 31).

Os frigoríficos são os que exercem maior influência sobre o preço da carne bovina. “Na cadeia produtiva da carne, o preço e o volume de compra são determinados pelos frigoríficos, uma vez que estes apresentam o seu custo marginal, ou o valor da arroba, igual a sua receita marginal” (Beloni; Alonso, 2017, p.27).

Se os consumidores comprem um produto sabendo os motivos que agregam valor a ele, isso reforça a qualidade daquele determinado produto. No caso da carne bovina, o uso de estrangeirismos para renomear cortes já existentes têm influenciado



no valor e trazido à tona a discussão sobre um novo nicho de mercado, o da ‘carne gourmet’ ou nobre (Feijó; Dias; Malafaia; Biscola, 2020).

Consumidores ditos entendedores do churrasco “gourmet” pagam preço de picanha pelo “denver steak” (acém) ou “flat iron steak” (paleta), ou seja, acém e paleta com apelidos viraram carne nobre e ganharam valor porque o consumidor provou, gostou e reconheceu suas qualidades. O interessante é que isto não é um problema, mas uma das soluções possíveis para o Brasil se aproximar do mercado de carne “gourmet”. Afinal, não basta um novo nome em inglês: a novidade exige uma forma de preparo específica que tem custo e precisa agregar valor. Um único senão dessa prática é que fazendo isso o nome fantasia é desvinculado do corte oficial que o originou, o que favorece o oportunismo. É salutar a criação de cortes novos, mas é necessário seguir a Portaria Nº 5 de 8 de novembro de 1988 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que padroniza os cortes no Brasil. As peças comercializadas embaladas deveriam ter anúncios e etiquetas contendo o nome fantasia e entre parênteses o nome do corte padrão que lhe deu origem (Feijó et. al; 2020, p. 2).

O consumidor é a chave para redefinir a cadeia produtiva de carne bovina no Brasil, mas isso só será possível com a conscientização sobre o porquê do valor da carne consumida. “O início da mudança deve partir do mercado, pois o consumidor será o ‘juiz’ que dirá se os esforços despendidos estão sendo efetivos. O consumidor precisará reconhecer que o produto é diferenciado para então pagar de forma diferenciada”(Feijó et. al; 2020, p. 1). Em outros países como os Estados Unidos, os consumidores reconhecem que a qualidade da carne reflete diretamente em seu valor. “Os consumidores de hoje, direcionados pela qualidade, parecem dispostos a pagar mais pela carne bovina se a experiência de consumo justificar o preço” (Lima; IAGRO, 2016).

Em relação às exportações, o Brasil desempenha um papel de protagonismo em comparação aos demais países, mas somente no quesito ‘produção’, no quesito ‘preço’ ele fica atrás dos Estados Unidos, Austrália, Argentina, Holanda e Uruguai, com preço médio entre os menores, US\$ 4,17 por kg (Biscola; Malafaia; Dias; 2020). Ou seja, apesar da alta produção, a carne bovina exportada é vendida a um preço inferior no mercado externo.

É preciso entender o porquê de a carne bovina brasileira ser comercializada a um preço mais baixo do que a de seus principais concorrentes, bem como promover ações para que seu valor seja



aumentado. Essas ações devem considerar o composto mercadológico (preço, produto, promoção e distribuição) da carne bovina brasileira, bem como os aspectos de produção, para que haja aumento da produtividade e da qualidade de acordo com as exigências dos mercados que pagam mais por um produto considerado de maior valor. (Biscola; Malafaia; Dias, 2020, p. 3)

Segundo a Redação TecnoCarne (2023), entre os principais exemplos de carnes nobres estão cortes como a picanha, o filé mignon, a costela premium e o wagyu — este último, uma raça bovina de origem japonesa reconhecida pela carne marmorizada e de sabor acentuado. Essas carnes destacam-se por atributos como maciez, suculência, marmoreio e um sabor mais intenso.

2.4. Falta de acesso à informação sobre a dinâmica do preço da carne bovina

Apesar da relevância econômica da pecuária, persiste uma desconexão entre a produção rural e a percepção urbana acerca do setor. Essa lacuna se manifesta na falta de conhecimento sobre os processos produtivos, a classificação dos cortes e a sazonalidade dos preços, o que dificulta a compreensão do consumidor sobre os fatores que compõem o valor da carne (Graça, 2023). Consideramos que se trata de um problema estrutural que impacta diretamente o cotidiano dos brasileiros. Os consumidores urbanos frequentemente desconhecem a origem dos alimentos e as práticas de manejo: segundo Salazar (2021), apenas 26,2% dão preferência a produtos com rastreabilidade comprovada, enquanto 31,9% não sabem ao certo o que isso significa. Esse dado reforça a necessidade de mais campanhas de conscientização sobre a procedência e a qualidade dos produtos de origem animal.

Além disso, Santos et al. (2021) apontam uma baixa compreensão dos rótulos pelos consumidores, o que prejudica o entendimento sobre a composição nutricional e os padrões de qualidade dos alimentos consumidos. Esse tipo de informação, embora presente nas embalagens, muitas vezes não é acessada ou compreendida pela maioria das pessoas, o que limita sua autonomia no momento da compra. A ausência de uma educação alimentar mais ampla agrava o problema, perpetuando desigualdades de informação entre diferentes grupos sociais. Nesse cenário, se torna evidente a urgência em promover ações educativas voltadas à leitura crítica de rótulos, à valorização de



produtos rastreáveis e ao entendimento de como o sistema produtivo influencia diretamente no preço pago pelo consumidor final.

Informações mais complexas que envolvem inflação e outras nomenclaturas da área da economia, como por exemplo as pesquisas de preço do Procon/MS, que ajudam o consumidor a saber quais estabelecimentos estão vendendo alimentos mais baratos e quais estão vendendo mais caro, acabam, muitas vezes, não chegando à população mais leiga. As pesquisas, apesar de públicas e amplamente divulgadas, esbarram em barreiras de linguagem e alcance. Muitas vezes, a apresentação técnica dos dados dificulta a assimilação pelas pessoas que não dominam conceitos econômicos básicos. Diante desse contexto, o acesso à informação exige não apenas transparência institucional, mas também estratégias de comunicação acessível e inclusiva, que considerem diferentes níveis de letramento e familiaridade com temas econômicos.

A Secretaria Executiva de Orientação e Defesa do Consumidor (Procon/MS) desempenha um papel relevante na proteção e orientação dos consumidores sul-mato-grossenses, especialmente no que tange ao monitoramento de preços de produtos essenciais, como a carne bovina. Por meio de pesquisas periódicas, o órgão identifica variações significativas nos preços praticados pelos estabelecimentos comerciais, fornecendo dados que auxiliam os consumidores na tomada de decisões mais conscientes. O papel do Procon/MS é importante não apenas na fiscalização e divulgação de preços, mas também na promoção da educação para o consumo consciente. Ao fornecer informações claras e atualizadas, o órgão capacita os consumidores a fazerem escolhas mais informadas, contribuindo para o equilíbrio do mercado, a proteção dos direitos dos cidadãos e a construção de uma sociedade mais crítica e participativa.

2.5. Entrevista jornalística e o formato documentário

Como desdobramento das reflexões apresentadas nas seções anteriores, a proposta deste projeto jornalístico consiste na produção de um documentário com enfoque informativo sobre a cadeia da carne bovina e a formação de seus preços. A



escolha por esse formato busca aliar profundidade narrativa, apuração jornalística e recursos audiovisuais com o objetivo de tornar mais acessíveis os dados técnicos, econômicos e sociais que influenciam o custo da carne no Brasil, especialmente no estado de Mato Grosso do Sul.

Para a construção do roteiro e do conteúdo do documentário, a entrevista jornalística foi definida como principal ferramenta de investigação. A partir do contato direto com fontes especializadas, como pesquisadores, produtores, técnicos do setor agropecuário, representantes de órgãos de defesa do consumidor e consumidores em geral, o projeto pretende reunir informações qualificadas que ajudem a esclarecer os principais fatores que impactam o preço da carne bovina.

Goerisch (2013, p. 9) aponta que “a entrevista é o cerne do bom jornalismo, ponto de partida e momento fundamental para a elaboração de narrativas que apresentem personagens e reportem de modo vívido os mais diferentes aspectos da realidade”. Com base nessa abordagem, o documentário buscará construir uma narrativa plural e dinâmica, com depoimentos que revelem tanto os bastidores do setor produtivo quanto às percepções do público consumidor.

A entrevista envolve mais do que uma troca de perguntas e respostas, se trata de uma interação humana complexa. Medina (1990) define a entrevista como uma técnica de interpenetração informativa que rompe isolamentos sociais e amplia a circulação de vozes. Morin (2007) observa que o uso da câmera e do microfone transforma essa relação em um espaço de tensão e encenação, capaz de provocar tanto retrações quanto entregas. Para o autor, a presença do aparato tecnológico pode estimular verdades ou fabulações, sem que isso represente uma falha, mas sim uma dimensão expressiva própria da entrevista mediada, especialmente no contexto audiovisual.

A relação entre jornalismo e documentário se estrutura a partir de dinâmicas históricas e conceituais marcadas por transformações contínuas, exigindo interlocuções constantes pautadas na abertura e na pluralidade. Como aponta Bezerra (2014), nem as reportagens nem os documentários obedecem a metodologias fixas, dado que



ambos lidam com múltiplas temáticas e assumem formatos e estilos variados conforme seus propósitos comunicacionais.

Documentário e jornalismo são modos de ver, olhares construídos historicamente por rotinas produtivas, por transformações sociais, por relações e interesses comerciais e políticos, por estéticas, metodologias e técnicas inventadas por diferentes movimentos, que sucintamente nomeamos de documentário clássico, cinejornais, cinema direto, novo jornalismo, cinema verdade, jornalismo gonzo, documentário reflexivo, entre outros. São movimentos que surgiram em determinados momentos da história, criaram maneiras diferentes de representar o mundo, acreditaram realizar obras mais próximas do real e apostaram em uma essência própria a esses discursos" (Bezerra, 2014, p. 21).

Essa perspectiva histórica e conceitual permite compreender o documentário não como um gênero fixo, mas como um campo em constante reinvenção, que dialoga com o jornalismo na busca por representar o real de forma crítica e contextualizada. No caso deste projeto, o documentário jornalístico se propõe a construir uma narrativa informativa baseada em dados públicos, depoimentos e observações, buscando lançar luz sobre um tema de interesse coletivo por meio de um olhar interpretativo e plural.

O jornalismo desempenha papel essencial ao traduzir informações complexas em linguagem clara e acessível. Produções da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e da Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal (IAGRO) demonstram como conteúdos jornalísticos conseguem conectar o campo e a cidade, promovendo o acesso à informação de forma confiável e didática. A partir de boletins, vídeos e textos explicativos, essas instituições tornam compreensíveis processos relacionados à produção e comercialização da carne bovina.

O formato documentário jornalístico, segundo Melo, Gomes e Moraes (2001), organiza uma sucessão de fatos com objetivo de comprovação por meio de imagens e depoimentos. No caso da formação do preço da carne, esse tipo de narrativa oferece condições para validar informações técnicas, apresentar dados de maneira didática e favorecer o entendimento por parte da população que possui pouco acesso a esse tipo de conteúdo. Além de informar, conteúdos desse tipo também podem atuar como ferramentas de conscientização social, sobretudo quando articulados à promoção de políticas públicas e ao enfrentamento de desigualdades no acesso à alimentação.



Kunsch e Navacinsk (2023) argumentam que a comunicação pública funciona como aliada na formulação de políticas voltadas ao enfrentamento da fome e da insegurança alimentar. Ao apresentar locais com alimentos mais acessíveis, como interpretar rótulos e compreender a lógica dos preços, conteúdos informativos podem auxiliar consumidores na manutenção de uma dieta equilibrada sem comprometer grande parte da renda. Plataformas digitais e séries de vídeos — como as divulgadas pela Forbes Agro (2021) e pela BrasilAgro (2021) — demonstram como recursos audiovisuais contribuem para ampliar o acesso ao conhecimento e estimular práticas de consumo mais conscientes.

Ao reunir entrevistas, dados públicos e linguagem audiovisual, o projeto se orienta por uma perspectiva jornalística que valoriza a escuta, o aprofundamento e a tradução informativa. A intenção consiste em produzir um documentário que funcione como instrumento de mediação entre os diferentes atores da cadeia da carne bovina e o público consumidor, promovendo o direito à informação e à transparência.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este documentário, foi confirmada a hipótese de que o preço da carne bovina, no Mato Grosso do Sul e no Brasil, resulta de uma engrenagem complexa que combina oferta de animais, custos de produção, dinâmica das exportações, logística e poder de compra das famílias. Durante o processo, percebi que a compreensão pública dessa engrenagem é fragmentada, e que o jornalismo, quando combinado a dados acessíveis e a escuta de diferentes elos da cadeia, pode reduzir essa distância informacional. O documentário buscou oferecer um percurso claro entre números e vozes, entre o abate e a gôndola, entre a formação de preço e o orçamento do consumidor.

Os objetivos do projeto foram, em essência, alcançados. Por meio das entrevistas, foram mostrados os fatores que influenciam o preço da carne bovina em MS, contemplando os mercados interno e externo, e traduzindo conceitos técnicos para uma linguagem compreensível sem perder o sentido. Ao mesmo tempo, reconheço as limitações que encontrei no processo registradas no relatório. Não foi possível construir uma série contínua de cinco anos por corte específico, em razão da ausência de bases públicas que trouxesse a variação dos preços nesse período, o que restringiu a comparação entre estados e a mensuração fina de repasses ao varejo. Diante disso, optei por uma estratégia metodológica de triangulação: usei dados consolidados sobre salário mínimo e inflação, séries oficiais de abate e exportações, levantamentos do Procon e entrevistas com indústria, pecuaristas, varejo e especialistas. Essa triangulação garantiu consistência ao argumento central, ainda que com limitações.

No plano empírico, dois achados se destacam. Primeiro, mesmo com aumentos nominais do salário mínimo, o poder de compra do consumidor perdeu fôlego no período analisado, o que ajuda a explicar a percepção de “carne mais cara” no prato, independentemente de flutuações pontuais da arroba. Segundo, a cadeia segue tensionada por movimentos de exportação e por custos de alimentação do rebanho, logística e compliance sanitário, fatores que se refletem nas margens e na precificação no varejo. As entrevistas mostraram que a indústria opera com múltiplos destinos e



aproveitamentos do animal, que o produtor negocia sob grande volatilidade e que o varejo internaliza custos e riscos que nem sempre são evidentes ao consumidor. Esse mosaico confirma que não há um único vilão, há uma soma de variáveis que se realimentam.

A evolução profissional também é parte do resultado. Escolhi um tema desafiador e que me permitiu, como jornalista, conhecer um setor novo. Durante a reportagem, aprimorei minha capacidade de formular perguntas, de negociar acesso a ambientes restritos e de adaptar o roteiro diante de recusas, remarcações e limitações técnicas. Aprendi a equilibrar o compromisso com a apuração e os cuidados éticos de filmagem em frigoríficos, respeitando segurança, confidencialidade e o sentido informativo das imagens. Na ilha de edição, compreendi a importância de identificar fontes ao longo de toda a narrativa, de reduzir redundâncias e de incluir explicações contextuais, como a queda do poder de compra, para sustentar a interpretação dos dados mostrados. Esse aprendizado metodológico fortalece o caráter acadêmico do trabalho, pois explicita escolhas, restrições e critérios de validação.

As limitações encontradas não invalidam o estudo, mas orientam caminhos futuros. Recomendo a construção de uma base pública, com série histórica por corte e por unidade da federação, que permita estimar as oscilações entre cortes e medir com mais precisão a transmissão de preços ao consumidor. Do ponto de vista social, destaco a necessidade de estratégias de comunicação acessíveis sobre formação de preços, leitura de rótulos, rastreabilidade e pesquisa de preços, aproximando órgãos de defesa do consumidor, academia e imprensa.

Em termos de contribuição, o documentário entrega um produto jornalístico que organiza informações dispersas e as transforma em conhecimento público, útil para consumidores, produtores e gestores. A narrativa audiovisual, apoiada em dados, depoimentos e observação direta, cumpre a função de mediação que atribuí ao jornalismo no início do trabalho: aproximar campo e cidade, complexidade e clareza, preço final e seus determinantes. O documentário “Arroba de Ouro” é um retrato honesto da cadeia da carne vista a partir do Mato Grosso do Sul, com resultados sólidos e limitações explicitadas. Acredito que irá contribuir para um debate público



mais informado e para práticas de comunicação que respeitam a inteligência do público, oferecendo elementos para decisões individuais e para políticas que tornem a alimentação de qualidade mais acessível.



4. REFERÊNCIAS

ABIEC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNES. **Beef Report 2023: perfil da pecuária no Brasil**. Brasília: ABIEC, 2023. Disponível em: <https://www.abiec.com.br/wp-content/uploads/Final-Beef-Report-2023-Completo-Versao-web.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. **Reforma Tributária isenta cesta básica de impostos**. Brasília, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/Reforma-tribut%C3%A1ria-isenta-cesta-b%C3%A1sica-de-impostos>. Acesso em: 7 nov. 2025

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **2024 registra recorde no abate de bovinos, frangos e suínos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/42898-2024-registra-recorde-no-abate-de-bovinos-frangos-e-suinos>. Acesso em: 4 maio 2025.

AGRO SUSTENTAR. **Maiores produtores de carne bovina do Brasil e do mundo**. Agro Sustentar, 8 maio 2025. Disponível em: <https://agrosustentar.com.br/agronegocio/maiores-produtores-de-carne-bovina/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BARROS, Geraldo Sant'Ana de Camargo. **Agronegócio: conceito e evolução**. Piracicaba: CEPEA-ESALQ/USP, 2022. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

BELONI, Tatiane; ALONSO, Marcell Patachi. **Relação entre preço da carne bovina e do animal comercializado em Cuiabá, MT**. Revista iPecege, v. 3, n. 2, p. 26–37, maio 2017. Disponível em: <https://revista.ipecege.com/Revista/article/view/132>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BENITES, Victor Lazarini Ramos; CASAGRANDA, Ivanir. **A logística do Estado de Mato Grosso do Sul: seus gargalos e seus potenciais**. [S. l.], [s. n.], 2019. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. Disponível em:



https://www.academia.edu/41515794/A_LOG%C3%8DSTICA_DO_ESTADO_DE_MAT_O_GROSSO_DO_SUL_Seus_gargalos_e_seus_potenciais. Acesso em: 11 jun. 2025.

BEZERRA, Julio. Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BISCOLA, Paulo Henrique Nogueira; MALAFAIA, Guilherme Cunha; DIAS, Fernando Rodrigues Teixeira. **Brasil recebe de 27 a 41% a menos pela carne bovina exportada do que concorrentes**. Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2020. Boletim CiCarne – Centro de Inteligência da Carne Bovina, n. 23. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1125605>. Acesso em: 15 maio 2025.

BRASILAGRO. **10 documentários para aprender mais sobre o agronegócio. 2021**. Disponível em: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/10-documentarios-para-aprender-mais-sobre-o-agronegocio.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cadeia produtiva da carne bovina** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola; Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura; coordenadores BUAINAIN, Antônio Márcio; BATALHA, Mário Otávio. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007. 86 p. (Série Agronegócios, v. 8). Disponível em: <https://repositorio-dspace.agricultura.gov.br/handle/1/500>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CALÉMAN, Silvia Morales de Queiroz; ZYLBERSZTAJN, Decio. **Falta de garantias e falhas de coordenação: evidências do sistema agroindustrial da carne bovina**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, v. 50, n. 2, p. 223–242, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/wD6TVRgbJQCRWH4HvDvrqSC>. Acesso em: 11 jun. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Regulamentação da reforma tributária prevê 15 itens na cesta básica com alíquota zero**. Brasília, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1056664-regulamentacao-da-reforma-tributaria-preve-15-itens-na-cesta-basica-com-aliquota-zero/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CAMPOS, Gabriel. **MS bate recorde na produção de carne bovina em 2024 e amplia exportações**. São Paulo: Giro do Boi, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://girodoiboi.canalrural.com.br/pecuaria/mercado-da-carne/ms-bate-recorde-na-producao-de-carne-bovina-em-2024-e-amplia-exportacoes/>. Acesso em: 16 maio 2025.



CARVALHO, Thiago Bernardino de. **Estudo da elasticidade-renda da demanda de carne bovina, suína e de frango no Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001595477>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA; CNA – CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. **BOI/CEPEA: Custos de produção avançam em 2021**. Piracicaba, 27 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/diarias-de-mercado/boi-cepea-custos-de-producao-avancam-em-2021.aspx>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Análise de preços e tendências para as principais proteínas animais**. Piracicaba: CEPEA, 2022. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/cepea-perspectivas-de-2022.aspx>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **BOI/CEPEA: Preços do setor estão firmes**. Piracicaba, 12 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/diarias-de-mercado/boi-cepea-precos-do-setor-estao-firmes.aspx>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada; CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. **Boletim Mercado de Trabalho do Agronegócio Brasileiro: 4º trimestre 2024**. Piracicaba: CEPEA; Brasília: CNA, 2025. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/mercado-de-trabalho-do-agronegocio.aspx>. Acesso em: 11 jun. 2025.

CNT – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE. **Pesquisa CNT de Rodovias 2025: relatório gerencial**. Brasília: CNT, 2025. Disponível em: <https://pesquisarodovias.cnt.org.br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Perspectivas para a agropecuária: safra 2023/24**. Brasília, DF: Conab, 2023. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perspectivas-para-a-agropecuaria>. Acesso em: 19 maio 2025.

COSTA, Caroline dos Santos; SATTAMINI, Isabela Fleury; STEELE, Eurídice Martinez; LOUZADA, Maria Laura da Costa; CLARO, Rafael Moreira; MONTEIRO, Carlos Augusto. **Consumo de alimentos ultraprocessados e associação com fatores**



sociodemográficos na população adulta das capitais das 27 unidades federativas do Brasil (2019). Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 55, p. 47, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055002833>. Acesso em: 19 maio 2025.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Cadeia produtiva da carne bovina: contexto e desafios futuros.** Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2021. 58 p. (Documentos / Embrapa Gado de Corte, 291). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1132914/1/DOC-291-Final-em-Alta.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Custos de produção e gestão da atividade suinícola.** Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2023. Disponível em: <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/custos>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FANALLI, Simara Larissa. **Perfil de consumo e percepção dos consumidores de carne: consequências sobre a saúde pública.** Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Uberlândia, v. 31, jul. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vti-738121>. Acesso em: 17 jun. 2025.

FEIJÓ, Gelson Luís Dias; DIAS, Fernando Rodrigues Teixeira; MALAFAIA, Guilherme Cunha; BISCOLA, Paulo Henrique Nogueira. **A carne bovina brasileira alcançará o mercado “gourmet”?** Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2020. Boletim CiCarne – Centro de Inteligência da Carne Bovina, n. 24. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1125606>. Acesso em: 15 maio 2025.

FONSECA, Elizandra da Costa; SERRÃO, Fernanda Oliveira; MATOS, Maria Victória Hora de; FERNANDES, Jéssica da Silva; SILVA, Francília de Kassia Brito da. **Comportamento do consumidor: fatores que influenciam o lugar de compra de alimentos perecíveis e não perecíveis, Belém-PA.** Belém: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Nutrição – COESA/UFPA, 2016. Disponível em: <https://www.coesa.ufpa.br/arquivos/2016/expandidos/pesquisa/outra/PES477.pdf>. Acesso em: 19 maio 2025.

FORBES AGRO. **10 documentários para aprender mais sobre o agronegócio.** 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2021/11/10-documentarios-para-aprender-mais-sobre-o-agronegocio/>. Acesso em: 17 jun. 2025.



GARZILLO, Josefa Maria Fellegger; POLI, Vanessa Fadanelli Schoenardie; LEITE, Fernanda Helena Marrocos; STEELE, Euridice Martinez; MACHADO, Priscila Pereira; LOUZADA, Maria Laura da Costa; LEVY, Renata Bertazzi; MONTEIRO, Carlos Augusto. **Consumo alimentar no Brasil: influência da carne bovina no impacto ambiental e na qualidade nutricional da dieta.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 56, p. 102, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004830>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOERISCH, Darya Valeska Aksinya. **A Entrevista Jornalística – um encontro especial entre sujeitos.** 2013. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/3861>. Acesso em: 1 jul. 2025.

GRAÇA, Carolina. **Desconexão e reconexão entre o Brasil rural e urbano.** LinkedIn Pulse, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/desconex%C3%A3o-e-reconex%C3%A3o-entre-o-brasil-rural-urbano-carolina-gra%C3%A7a>. Acesso em: 16 jun. 2025.

IAGRO – Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal. **Rebanho do Estado de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande, MS: IAGRO, 2025. Disponível em: <https://paineis.msindicadores.ms.gov.br/publico/extensions/monitor-rebanho-ms/monitor-rebanho-ms.html>. Acesso em: 4 maio 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Trimestral de Abate de Animais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21119-primeiros-resultados-2abate.html?edicao=42624>. Acesso em: 4 maio 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rebanhos e valor dos principais produtos de origem animal foram recordes em 2022.** Agência IBGE de Notícias, Rio de Janeiro, 21 set. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37937-rebanhos-e-valor-dos-principais-produto-de-origem-animal-foram-recordes-em-2022>. Acesso em: 15 jun. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Rebanho de Bovinos (Bois e Vacas).** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em:



<https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/bovinos/ms>. Acesso em: 13 maio 2025.

IPAM – INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA. **Diálogos sobre a sustentabilidade e a rastreabilidade das cadeias da carne bovina e do couro: segundo diálogo técnico – Acesso à tecnologia para sustentabilidade na cadeia de carne bovina e couro.** 20 abr. 2022. Disponível em: https://ipam.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Sumario-Executivo_Dialogo-sobre-a-sustentabilidade-e-a-rastreabilidade-da-cadeia-da-carne-bovina-e-do-couro_clean.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; NAVACINSK, Simone Denise Gardinali. **Políticas públicas de combate à insegurança alimentar e à fome: a comunicação pública como fator estratégico para a cidadania.** Revista Alceu, Rio de Janeiro, online, v. 23, n. 50, p. 8–29, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed50.2023.374>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LIMA, Iza Olmos Rodrigues de. **Tendências recentes: qualidade, valor e preço da carne bovina [relatório completo].** Campo Grande, MS: Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal – IAGRO, 10 nov. 2016. Disponível em: <https://www.iagro.ms.gov.br/tendencias-recentes-qualidade-valor-e-preco-da-carne-bovina-relatorio-completo>. Acesso em: 16 maio 2025.

LOPES, Marcos Aurélio; MAIA, Érica Mariz; BRUHN, Fábio Raphael Pascoti; CUSTÓDIO, Izadora Alvarenga; ROCHA, Christiane Maria Barcellos Magalhães da; FARIA, Peter Bittencourt. **Fatores associados à percepção e atitude de consumidores de carne bovina com certificação de origem em Uberlândia, Minas Gerais.** Revista Ceres, Viçosa, v. 64, n. 1, p. 31–39, jan./fev. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rceres/a/FX5yFkJXdjH83Z7mzXSdqqG/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Fazenda (SEFAZ/MS). **Quais são as alíquotas de ICMS no Mato Grosso do Sul?** [S.l., s.d.]. Disponível em: https://efazenda.servicos.ms.gov.br/daecomm/consultaragruparemitirdaems_publico.aspx. Acesso em: 7 nov. 2025.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível.** 2ed. São Paulo: Ática, 1990.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello; MORAIS, Wilma Peregrino de. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.**



In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MELZ, Laércio Juarez; FILHO, Pascoal José Marion; GASTARDELO, Tiane Alves Rocha; BENDER FILHO, Reisoli. **Determinantes da demanda internacional de carne bovina brasileira: evidências de quebras estruturais**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, v. 52, n. 4, p. 743–760, out./dez. 2014. Disponível em: <https://revistasober.org/journal/resr/article/doi/10.1590/S0103-20032014000400007>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NOVA NOTÍCIAS. **Consumo de carnes deve cair e pode impactar produção em Mato Grosso do Sul**. Nova Andradina: Nova Notícias, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://www.novanoticias.com.br/noticias/economia/consumo-de-carne-deve-cair-e-pode-impactar-producao-em-mato-grosso-do-sul>. Acesso em: 16 maio 2025.

PORTO, Clayton Neves. **Oferta menor e alta demanda em MS fazem arroba do boi subir 42 % no ano**. Campo Grande: Campo Grande News, 19 dez. 2024. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-rural/oferta-menor-e-alta-demanda-em-ms-fazem-arroba-do-boi-subir-42-no-ano>. Acesso em: 16 maio 2025.

REDAÇÃO TECNOCARNE. **Mercado de carnes nobres: conheça as principais tendências para o setor**. Food Connection, 12 maio 2023. Disponível em: <https://www.foodconnection.com.br/proteina-animal/mercado-de-carne-nobres-conheca-principais-tendencias-para-o-setor/>. Acesso em: 16 maio 2025.

RESENDE FILHO, Moisés de Andrade; BRESSAN, Valéria Gama Fully; BRAGA, Marcelo José; BRESSAN, Aureliano Angel. **Sistemas de equações de demanda por carnes no Brasil: especificação e estimação**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, v. 50, n. 1, p. 33–50, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/wD6TVRqBJQCRWH4HvDvrqSC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.



SALAZAR, Larissa. **Percepção do consumidor brasileiro frente à rastreabilidade de alimentos.** Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234039>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTOS, Larissa Lira dos; REIS, Angélica Andrade; CAMARGO, Evelyn Porto Lima; FARIAS, Deise Vitória; MUZA, Letícia Souza. **Leitura dos rótulos nutricionais e o consumo excessivo de alimentos ultraprocessados: relato de experiência de oficina prática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 18400–18419, jul./ago. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/35271/pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SEMADESC – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação. **PIB de Mato Grosso do Sul atinge maior patamar da história e supera média de crescimento nacional.** Campo Grande, MS, 2024. Disponível em: <https://www.semadesc.ms.gov.br/pib-de-mato-grosso-do-sul-atinge-maior-patamar-da-historia-e-supera-media-de-crescimento-nacional/>. Acesso em: 4 maio 2025.

SEMADESC – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação. **Produção Animal.** Campo Grande, MS, 2025. Disponível em: <https://www.semadesc.ms.gov.br/estatisticas-abate-de-animais/>. Acesso em: 4 maio 2025.

SILVEIRA, Fernando Gaiger. **Tributação indireta: alíquotas efetivas e incidência sobre o consumo das famílias.** Brasília: Ipea, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/9e1d38a8-0153-4f40-aeac-63162096d7f0>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SIQUEIRA, Rozane Bezerra de; NOGUEIRA, José Ricardo Bezerra; LUNA, Carlos Feitosa. **A incidência final dos tributos indiretos no Brasil: estimativa usando a matriz de insumo-produto 2015.** 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2107.09396>. Acesso em: 7 nov. 2025.

USDA – United States Department of Agriculture. **Production – beef.** Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/data/production/commodity/0111000>. Acesso em: 13 maio 2025.



APÊNDICES



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Laud
a:
1

Data: 15/10/2025	Narrador: Pedro Vieira	Tempo: 20'	Retranca:
Arroba de Ouro			

PEDRO VIEIRA	OFF1 //////////////////// A PECUÁRIA É UMA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS DE MATO GROSSO DO SUL// COM A ABERTURA DA ROTA BIOCEÂNICA O ESTADO QUE JÁ SE DESTACA/ PROMETE ALÇAR VOOS AINDA MAIORES NO MERCADO DO BOI// MAS O QUE FICA DENTRO DO ESTADO/ NAS PRATELEIRAS DOS AÇOUGUES E CASAS DE CARNE// SERÁ QUE O SUL MATOGROSSENSE SABE / O QUE ESTÁ POR TRÁS DO PREÇO DA CARNE BOVINA QUE ELE CONSOME?// É O QUE VOCÊ VAI DESCOBRIR AGORA
MARCO ANTÔNIO	SONORA //////////////////// O NOSSO ESTADO FICA COM MUITO POUCO...PRO TAMANHO DA NOSSA POPULAÇÃO
HUMBERTO YULE	SONORA //////////////////// É O NOSSO ESTADO VEM TENDO...MAIS CARNE EM MENOS ÁREA.
MARCO ANTÔNIO	SONORA //////////////////// EU CONSIDERO QUE O NOSSO ESTADO...ISSO É BOM PRO CONSUMIDOR
PEDRO VIEIRA	OFF2 //////////////////// MAS AFINAL VOCÊ SABE O QUE É A ROTA BIOCEÂNICA/ PARA MATO GROSSO DO SUL ELA REPRESENTA REVOLUÇÃO// O



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Laud
a:
2

Data: 15/10/2025	Narrador: Pedro Vieira	Tempo: 20'	Retranca:
Arroba de Ouro			

INGRID	CORREDOR COMEÇA EM CAMPO GRANDE NO CORAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL/ SEGUE POR DOURADOS/ PONTA PORÃ/ BELA VISTA E PORTO MURTINHO// DE ONDE CRUZA O PARAGUAI/ ATRAVESSA A ARGENTINA E CHEGA AOS PORTOS DO NORTE DO CHILE NO OCEANO PACÍFICO// UM TRAJETO QUE ENCURTA A DISTÂNCIA ENTRE O BRASIL E A ÁSIA/ ABRINDO NOVAS OPORTUNIDADES DE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO
VICTOR HUGO CAPUCI	SONORA///////// AH FUNCIONA ASSIM...ARRUMAR ALGUMA NEGOCIAÇÃO MELHOR
CLÉO RAMOS	SONORA///////// ISSO VAI DEPENDER MUITO DO TAMANHO...E ISSO INFLUENCIA BASTANTE
ISABELLI SILVEIRA	SONORA///////// O MERCADO EXTERNO PAGA MAIS...RECREAMOS E ENGORDAMOS AQUI EM CAMAPUÃ
PEDRO VIEIRA	OFF3///////// PARA ENTENDER A NECESSIDADE DE UM ANIMAL COM ESSAS CARACTERÍSTICAS/ É PRECISO ENTENDER A FUNDO ESSES CONCEITOS// NA PECUÁRIA DE CORTE A IDADE INFLUENCIA NA MACIEZ DA CARNE/ QUANTO MAIS JOVEM UM ANIMAL/ MAIS MACIA ELA FICA// O PESO MOSTRA O DESEMPENHO DO REBANHO/ANIMAIS QUE GANHAM PESO MAIS RÁPIDO/ RENDEM MAIS E CUSTAM MENOS PARA O PRODUTOR E O ACABAMENTO QUE É A CAMADA DE



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Laud
a:
3

Data: 15/10/2025	Narrador: Pedro Vieira	Tempo: 20'	Retranca:
Arroba de Ouro			

MARCO ANTÔNIO	GORDURA DA CARÇAÇA PROTEGE A CARNE NO RESFRIAMENTO E GARANTE SABOR E SUCULÊNCIA// QUANDO ESSES TRÊS FATORES ESTÃO EQUILIBRADOS/ O RESULTADO É CARNE DE QUALIDADE/ VALORIZADA E MUITO DISPUTADA PELO MERCADO INTERNO E EXTERNO SONORA////////// A EXPORTAÇÃO DE TÁ ALGUMAS VANTAGENS...MAS NÃO SÃO TODOS NÃO
VICTOR HUGO CAPUCI	SONORA////////// DEPENDENDO DE CADA MERCADO...E AS COMPROVAÇÕES DAS VACINAS QUE ELE TEVE
MARCO ANTÔNIO	SONORA////////// CADA PAÍS TEM UMA REGRA...PRECIFICANDO NO DIA E NA HORA
ISABELLI SILVEIRA	SONORA////////// BOM A GENTE SEMPRE PROCURA...A GENTE VAI ESTAR ABATENDO
PEDRO VIEIRA	OFF4////////// TUDO ISSO GERA UMA NOVA MOEDA DE TROCA// O PREÇO NA NEGOCIAÇÃO ENTRE FRIGORÍFICO/ PECUARISTAS E COMPRADORES INTERNACIONAIS É DEFINIDO PELA ARROBA// O MESMO SÍMBOLO UTILIZADO NO MUNDO VIRTUAL/ MAS QUE CARREGA UM OUTRO VALOR E SIGNIFICADO// QUASE TÃO VALIOSO QUANTO O OURO//



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Laud
a:
4

Data: 15/10/2025	Narrador: Pedro Vieira	Tempo: 20'	Retranca:
Arroba de Ouro			

	A ARROBA É A UNIDADE DE MEDIDA USADA PARA PESAR E NEGOCIAR O GADO DE CORTE NO BRASIL// UMA ARROBA EQUIVALE A 15 QUILOS DE CARNE BOVINA// QUANDO UM PRODUTOR VENDE O BOI GORDO O PREÇO É CALCULADO COM BASE NO VALOR DA ARROBA// POR EXEMPLO SE O BOI PESA 18 ARROBAS E O PREÇO É DE 240 POR ARROBA/ O PAGAMENTO SERÁ DE ACORDO COM ESSE TOTAL//
CLÉO RAMOS	SONORA// A BASE, A BASE DA ARROBA...TEM UMA QUALIFICAÇÃO MELHOR
PEDRO VIEIRA	OFF5// A CADEIA DA CARNE FUNCIONA DE MANEIRA COLETIVA// CADA ATOR TEM A SUA FUNÇÃO/ E PRECISA DO OUTRO PARA FUNCIONAR
MARCO ANTÔNIO	SONORA// O PECUARISTA ELE TEM QUE SER UM PARCEIRO...ELA VEM MELHORANDO
HUMBERTO YULE	SONORA// É O CONFLITO QUE ACONTECIA ANTERIORMENTE...FACILITA O ENTENDIMENTO NÉ
ISABELLI SILVEIRA	SONORA// EU VEJO QUE AINDA...ENTRE OS DOIS LADOS



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Laud
a:
5

Data: 15/10/2025	Narrador: Pedro Vieira	Tempo: 20'	Retranca:
Arroba de Ouro			

PEDRO VIEIRA	OFF6 ///////////////////////// MAS VOCÊ DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO/ COMO É QUE ISSO INTERFERE NO PREÇO DA CARNE QUE VOCÊ COMPRA NO AÇOUGUE//
MARCO ANTÔNIO	SONORA///////////////////////// O FRIGORÍFICO DE CERTA FORMA...TRABALHAR EM CIMA DAQUILO
ISABELLI SILVEIRA	SONORA///////////////////////// EU VEJO QUE SÃO PONTAS...DEMORA MUITO PRA CHEGAR
DIOGO PERES	SONORA///////////////////////// NÃO/ NÃO VEJO QUE A CARNE SUBIU...RESULTADO LÍQUIDO
PEDRO VIEIRA	OFF7 ///////////////////////// MAS AFINAL A CARNE BOVINA ESTÁ MESMO CARA?/ A RESPOSTA ESTÁ NO SALÁRIO MÍNIMO// NOS ÚLTIMOS ANOS A CARNE BOVINA NEM CHEGOU A ACOMPANHAR A INFLAÇÃO/ ENQUANTO ISSO O PODER DE COMPRA DE QUEM SOBREVIVE COM UM SALÁRIO MÍNIMO SÓ DIMINUIU // OU SEJA NÃO ADIANTA O SALÁRIO SUBIR / SE ELE NÃO CRESCE NO MESMO RITMO QUE O PREÇO DOS ALIMENTOS E DOS PRODUTOS BÁSICOS// O DINHEIRO PASSOU A RENDER MENOS/ DE ACORDO COM O IBGE OS PREÇOS DA CARNE SUBIRAM CERCA DE 20,8% EM 2024/ DEPOIS DE CAÍREM QUASE 9% EM 2023//



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

Laud
a:
6

Data: 15/10/2025	Narrador: Pedro Vieira	Tempo: 20'	Retranca:
Arroba de Ouro			

PEDRO VIEIRA	A CARNE NÃO DISPAROU ACIMA DOS OUTROS PRODUTOS/ O QUE MUDOU FOI O VALOR DO DINHEIRO NO BOLSO DO CONSUMIDOR//
PEDRO VIEIRA	HOJE O TRABALHADOR PRECISA GASTAR UMA PARTE MAIOR DO SALÁRIO/ PRA COMPRAR O MESMO QUILO DE CARNE DE CINCO ANOS ATRÁS//
MARCO ANTÔNIO	NÃO PORQUE O PRODUTOR OU A INDÚSTRIA OU MUITO MENOS O VAREJO AUMENTARAM DEMAIS O PREÇO// MAS PORQUE O PODER DE COMPRA DO BRASILEIRO/ ENCOLHEU// SONORA////////// EU ACREDITO QUE VOCÊ NUNCA...DENTRO DO NOSSO ESTADO //////////SOBE CRÉDITOS//////////